

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE MARÇO DE 1912

N.º 315

Sociedade elegante

Uma festa em casa do sr. Hans Wimmer, consul da Austria



Um minuete dançado por cavalheiros e damas da colonia allemã

(Phot. ...)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de março de 1912

Os juizes da Relação de Lisboa estão a dar um formal desmentido ao aforismo latino: *Quod abundat non nocet*. Estão a provar exactamente o contrario.

O carnaval em Lisboa



Na Escola Polytechnica—O automovel com a princeza da Chuchulândia

coisa. E houve até quem discordasse da alcunha posta aos dois. Somos de opinião radicalmente opposta. Nos tempos de liberdade que vão correndo, a ninguém deve ser tolhida a liberdade de... dizer tollices.

O Valle, que fez rir duas gerações, morreu na semana do entrudo, num dia em que a natureza chorou copiosamente, em que as nuvens inundaram de lagrimas a terra sombria.

Nem poderam realizar a triste empreitada de fazer rir os outros os que reservam para essa época do anno o arsenal das graçaças, dos atrevimentos, da semsaboria indigena comprimida até ahí, para de subito explodir por uma valvula de loucura.

E o engraçado, o espirituoso, o hilariante Valle, que tão coherente fóra pela vida adiante, tão coherente foi na morte, que se associou á natureza, sua mãe e sua inspiradora, e ao mesmo tempo



O carnaval em Lisboa—Grupo de estudantes que tomaram parte na festa da Escola Polytechnica

E' ver o que se passa com os presos politicos. Põem-nos a todos elles na rua por estarem, elles todos, accusados de rebellião.

Ora, em materia penal, da simples conjura á rebellião, ha uma escala enorme, de que fazem parte a conspiração, actos preparatorios de rebellião, etc., sendo applicavel a cada um d'esses delictos pena proporcional. Sobem os processos ás mãos dos juizes, que são os fiscaes da boa jurisprudencia, e que acontece? Acontece que teem de annular tudo, porque está tudo mal classificado, está errado tudo. Tanto os instructores dos processos, levados pela paixão politica, carregaram a mão, que querendo pôr nas cellas da Penitenciaria os incriminados, acabaram por pô-los... no meio da rua.

Esticaram de mais a corda. A corda estoirou. Era natural.

que a luz do seu bello espirito se sumia na treva, sumia-se no espaço a luz do sol creador.



O carnaval em Lisboa—Crianças mascaradas—Um coelho preto (1.º premio no baile do Nacional), um sargento e um Zé Povinho

Houve quem chamasse ha dias a um estadista em voga a maior cerebração portugueza do seculo xx.

Houve logo a seguir quem repontasse allegando que o mesmo orgão já tinha chamado a outro a mesma



O carnaval em Lisboa
Creanças mascaradas que estiveram no baile do Atheneu.

Rasgar todos os dias a constituição política chega a ser um *sport*. Nem d'outra maneira se pôde explicar este phrenesi de se estar a desfazer de hora em hora aquillo que se fez, de alterar o que se fixou, de não deixar de pé uma só columna do edificio que se ergueu.

Para ver se é ou não é assim, nem preciso se torna sahir do caso José d'Azevedo.

Porque foi elle preso? Dizem que por conspirador. Como e porquê se soube ou presumiu que o era? Porque, sem estarem ainda suspensas as garantias, foram violadas cartas suas registadas no correio. A Constituição garante a inviolabilidade do segredo de uma carta. Logo, foi rasgada a Constituição.

Da Penitenciaria, onde esteve preso, José d'Azevedo passou para o Limoeiro, onde está.

Ora José d'Azevedo não podia ir para a Penitenciaria, prisão destinada a presos já condemnados pelo tribunal, — e elle não fóra julgado — nem pode estar no Limoeiro, porque é uma prisão commum, e os presos politicos não podem ser encerrados em prisões communs. Logo, foi rasgada a Constituição.

Preso ha um mez, José d'Azevedo ainda não foi pronunciado. Pela Constituição ninguem pode estar preso mais de oito dias sem culpa formada. Logo, foi rasgada a Constituição.

Na prisão, quem lhe deram por companheiro? O incendiario Leandro, condemnado á Penitenciaria no mesmo dia em que teve

egual condemnação o seu cúmplice Fernandez, que já lá está ha muito. Até n'este ponto foi rasgada a lei.

De fórma que se a isto se não chama um *sport*, ou melhor um *raid*, em que um premio gordo esteja reservado a quem bata o *record*, no atropello da Constituição e da Lei, palavra de honra que não sei que nome feio se lhe possa dar...

O governo, pela boca do seu chefe, disse no parlamento e a quem o quiz ouvir, alto e bom som, que as *grèves* do fim do mez foram preparadas pelos monarchicos e que os operarios se venderam. Os operarios, fullos e ameaçadores, pedem-lhe provas e o governo responde que não dirá palavra enquanto não falar o inquerito judicial a que mandou proceder. Replicam-lhe no seu orgão os operarios: que não precisou de inquerito para fazer taes affirmações, que as fez officialmente, logo devia ter na mão com que as documentasse, e, portanto, ou as apresenta já ou com elles se hade haver.

E como, se isto assim não é, então a logica é uma batata, estou em crêr que d'esta vez o governo se mettu numa camisa de onze varas e se vê em calças pardas. Ou ainda não?

JAYME VICTOR.

Pensamentos

A velhice é uma justificação da morte. Ella tem, com effeito, o direito cruel de matar. Ninguem lhe pergunta por que o fez. Reconhece-se que a sua missão é extinguir e decompôr.

Lamenta-se o facto, mas ninguem se revolta contra elle.

A gloria do coração humano está em não raciocinar nem calcular.

Uma opinião insensata leva a um procedimento insensato; um procedimento insensato produz crueis desastres; d'esses desastres vem o mais útil ensinamento.

Cumpre o teu dever, ainda que te custe a propria vida.



O carnaval em Lisboa — *Creanças mascaradas*
Uma turca, uma lavradeira e uma japoneza



O carnaval em Lisboa — *No baile do Atheneu*



O carnaval em Lisboa — *Creanças mascaradas* — *Uma cigana, um palhaço e uma lavradeira*

(Phot. ...)

O carnaval no Porto



O carnaval dos estudantes — A tuna sala... manquinha

O seguro morreu de velho

El-Rei D. José dava por vezes aos seus fidalgos a liberdade de discutirem com elle, e um dia travou discussão com o velho marquez de Ponte do Lima ácerca do poder que os reis tinham sobre os seus vassallos, sustentando o rei que esse poder era illimitado, oppondo o marquez uma negativa formal fundada em razões varias a que o monarcha não sabia que replicar.

A discussão foi-se azedando e, a certa altura, D. José, querendo exemplificar a sua these, disse muito irritado para o marquez:

— Se eu lhe ordenasse que fosse atirar-se ao mar, o marquez deveria cumprir immediatamente e sem a mais leve hesitação a minha ordem.

Com grande espanto dos fidalgos que assistiam á contenda, o marquez, em vez de replicar, dirigiu-se bruscamente para a porta



O carnaval no Porto — O carnaval dos estudantes — O carro dos kungrecistas



O carnaval no Porto — O carnaval dos estudantes
O carro de Cupido

do salão. O rei, não menos admirado que os seus cortezãos, perguntou-lhe surprehendido:

— Onde vae?!

— Aprender a nadar, meu senhor.

Uma estrepitosa gargalhada sublinhou a espirituosa resposta e a discussão terminou.

A sexta-feira e o dia 13

A sexta-feira, que era festejada pelos romanos como sendo consagrada a Venus, tornou-se um dia aziago.

Não será difficil encontrar a origem d'esta superstição. E' o dia da morte de Christo. E é tambem por terem sido 13 os convivas da ultima ceia que alguns temem encontrarem-se 13 á meza.

Os supersticiosos não devem porém envergonhar-se. O proprio imperador Napoleão temia o numero 13. Esquecia-se de Vendémiaire.

Um dia, em Malmaison — estamos no Consulado — Bonaparte passeava com Mouge no jardim, quando lhe vieram communicar estar o jantar na meza. O mathematico despediu-se do primeiro consul e dirigia-se já na sua carruagem para Paris, quando em Rueil um guia, chegando a todo o galope, lhe pede para voltar para traz. Intrigado, o illustre sabio accede promptamente ao convite. Introduziram-no na casa de jantar. Josephina offereceu-lhe um logar a seu lado, enquanto Bonaparte, um pouco constringido, se desculpava d'um convite feito tão bruscamente.

— Eram treze á meza, disse Mouge sorrindo-se. Acredita pois n'essas cousas, general?

O Primeiro Consul fingiu não ouvir e mudou de conversa.

O MAR (Canção sem metro)

Outr'ora contra a maldade humana indignou-se o mar.

Ingenuo moralista, educado na contemplação constante das serenas espheras, sentiu que era de mais a perversão dos homens...

E os homens, com terror, viram erguer-se contra elles a colera das aguas. O mar cresceu, cresceu!



O carnaval no Porto — O carnaval dos estudantes
A guarda de honra do cortejo

(Phot. Cardoso — Foz do Douro)

O funeral do actor Valle



No cemiterio — O 1.º turno

Conspiradas com o mar engrossaram as torrentes: e as cataratas das nuvens desabaram atoadas.

Os campos, as cidades, as torres e as colinas foram, de prompto, denominadas pela maré.

evadidos das florestas alagadas, fraternisaram os animos bravios com os homens.

Os grandes da terra, em delirios de orgulho, ameaçavam as ondas com o poderoso odio.



O funeral do actor Valle — No cemiterio — O 2.º turno

(Phot. de A. C. Lima)

Correram as creanças para as mães; as mulheres espavoridas, semi-núas, cabellos ao vento, buscavam os amantes, supplicando soccorro, recordando na supplica os consumidos thesouros de amôr;

E o mar implacavel subiu, subiu ao encontro das nuvens!

RAUL POMPEA.

O barão do Rio Branco

FALAR-SE novamente do barão de Rio Branco, o grande homem de estado que o Brasil acaba de perder, não é de mais. Surprehendeu-nos a noticia da sua morte quando estava a entrar na machina o ultimo numero do *Brasil-Portugal*. D'ahi o não podermos acompanhar o retrato que publicámos senão com algumas palavras, que, apesar de breves, traduziam a nossa admiração pela grandeza do vulto que desaparecia, e o profundo sentimento com que partilhavamos o luto do Brasil.

Hoje, cabe-nos o dever de fixar nestas columnas os traços biographicos que mais caracterizam a poderosa individualidade do Barão do Rio Branco. As palavras que seguem resumem a gloriosa existencia d'este notavel brasileiro, em cujas veias corria sangue portuguez, porque portugezes eram os seus avós, e parentes seus residem ainda no norte de Portugal.

José Maria da Silva Paranhos, barão do Rio Branco, eminente estadista e uma das maiores figuras da politica sul-americana, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 20 de abril de 1845. Representante de uma familia de estadistas, era filho do fallecido senador do imperio brasileiro visconde do Rio Branco, auctor do projecto de lei da libertação do ventre escravizado, sancionado a 28 de setembro de 1881.

No inicio da sua vida politica occupou lugar proeminente no jornalismo brasileiro, como redactor principal de *A Nação*, e foi um defensor extremado d'esse patriótico projecto, o primeiro passo dado para a lei da abolição, definitivamente votada e promulgada em 13 de maio de 1888. Começou a sua carreira diplomatica em 1869, como secretario do seu illustre pae na missão especial que lhe fôra confiada no Rio da Prata e no Paraguay. De volta ao Rio de Janeiro, ainda em 1869, foi eleito deputado geral pela provincia de Matto Grosso. O seu papel no parlamento foi dos mais salientes, mas em 1876 abandonou a carreira politica, que se lhe apresentava brilhante, para ser nomeado consul geral do Brasil em Liverpool. Nesse longo periodo da sua vida consular, o barão do Rio Branco consagrou-se a estudos profundos de geographia e de historia do Brasil, chegando a ser considerado pelos mais notaveis americanistas como um erudito, dos mais competentes, na especialidade sul-americana. Foi, além d'isso, pela sua superior illustração, um historiador notavel, tendo dado publicidade a varias obras, como a *Historia da Guerra da Triplice Alliança*, do celebre escriptor allemão Schneider, traduzida em francez e por elle annotada, as *Ephemerides Brasileiras* e *Encyclopedias Scientificas*, que tiveram larga publicação na Europa. Publicou ainda, em 1889, a *Esquisse de l'Historie du Brésil*, trabalho de immenso valor, e a *Biographia do Imperador D. Pedro II*.

Em 1889 foi nomeado superintendente, em Paris, dos serviços de emigração para o Brasil, na Europa. Como grande servidor da sua patria, que sempre foi, aceitou o convite da Republica para chefiar a missão especial em Washington, que se achava incumbida de defender os direitos do Brasil na questão de limites com

a Republica Argentina, submettida á arbitragem do presidente Cleveland.

Ahi conseguiu elle, com a força e solidez da sua argumentação, resolver uma questão secular, reivindicando para a sua patria, por sentença arbitral lavrada em 5 de fevereiro de 1895, em Washington, trinta mil seiscentos e vinte e dois kilometros quadrados do territorio litigioso. Esse triumpho foi na carreira diplomatica do illustre morto inicio de uma popularidade que no seu paiz foi sempre crescendo, dando-lhe logar entre os vultos mais notaveis de reputação mundial. Logo em seguida, o nome do barão do Rio Branco era indicado para advogar os interesses do Brasil na questão de limites com a Guyana Franceza, conhecida por «questão do Amapa», sujeita a arbitramento do governo da confederação suissa. O triumpho coube ainda ao Brasil, tal a evidencia com que foi provado o direito d'este e a solidez da exposição dos

factos. Assim conseguiu o barão do Rio Branco resolver duas das mais complicadas difficuldades da sua patria.

Proclamado benemerito pelo Congresso Nacional, que lhe votou uma pensão, foram-lhe logo confiadas as altas funções de ministro plenipotenciario em Berlim, sendo pouco depois chamado a exercer o cargo de ministro de Estado das relações exteriores, que assumiu em 1902.

Em 21 de novembro de 1903, pelo tratado de Petropolis, negociado com o governo boliviano, incorporava á União Brasileira o territorio do Acre, que era na sua maioria habitado por brasileiros.

Na sua gestão da pasta do exterior, que durou uma decada, deu ao seu paiz logar internacional proeminente, elevando a representação brasileira em Washington á categoria de embaixada, conseguindo a criação do cardinalato brasileiro, concorrendo para que a representação do seu paiz na ultima conferencia da Haia tivesse o maior brilho, conseguindo que fosse o Rio de Janeiro a séde da terceira conferencia internacional Pan-Americana.

Resolveu duas questões de limites da maior importancia com a Venezuela e com a Colombia, confiando em boa hora os interesses do Brasil a dois dos mais illustres diplomatas brasileiros. Em 30 de outubro de 1909 concedeu, por «motu-proprio», á Republica do Uruguay, uma rectificação de fronteira, de grande utilidade para o desenvolvimento economico d'esse paiz. Politico

de altas vistas e espirito verdadeiramente pacifista, negociou com varias nações europeas e americanas vinte e nove convenções de arbitramento. O seu nome chegou mesmo a ser indicado como o de um candidato provavel ao premio Nobel.

O barão do Rio Branco era membro da Academia Brasileira de Letras, presidente do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro e socio correspondente da Academia de Sciencias de Lisboa.

Na sua longa vida publica fôra condecorado com varias ordens brasileiras do tempo do imperio, e estrangeiras, entre estas a Legião d'Honra, a de Leopoldo da Belgica, de Estanislau da Russia e a da Coróda da Italia.

Não é facil encontrar na historia de qualquer paiz vida mais cheia, intelligencia mais lucida, actividade mais pratica, coração mais patriota, patriotismo mais util e fecundo.



Barão do Rio Branco

O Brasil perdeu, não ha duvida, o seu grande homem. Ninguém ampliou mais o seu territorio, ninguém tornou mais respeitado o nome nacional, ninguém serviu com mais dedicação e amor o seu paiz.

Mas diga-se tambem, em nome da justiça e em abono da ver-

com excepçoes pompas funebres. Sentimento por que a alma da nação chorava a perda de quem tanto a dignificára. E á dôr da grande patria sul-americana associou-se o mundo inteiro, porque era verdadeiramente mundial a fama que elle conquistára pelos seus talentos e pelos seus serviços.

Missas de suffragio por alma do Barão do Rio Branco



O encarregado dos negocios do Brasil, o secretario da legação brasileira e a comissão promotora das missas por alma do barão do Rio Branco

dade: a patria brasileira, que por muitas fórmãs honrara em vida o seu filho illustre, logo que a morte o prostrou, mostrou-se digna

O barão do Rio Branco fôra um amigo de Portugal. Não admira, portanto, que fôsse por nós todos profundamente sentida



Aspecto da igreja de S. Domingos durante a cerimonia religiosa por alma do barão do Rio Branco

d'elle. O seu funeral teve qualquer coisa de magestade antiga. O seu funeral foi a suprema alliança da grandeza com o sentimento. Grandeza, porque era a nação inteira a honrar um morto

a sua morte. A' legação do Brasil, ao consulado, á igreja de S. Domingos, onde a comissão constituída pela colonia brasileira mandou celebrar suffragios por alma do extinto, fôram centenas de

portuguezes manifestar com a sua presença a parte sentida que tomavam no luto da sociedade brasileira. Um dos directores d'esta Revista, no cumprimento de um indeclinavel dever, assistiu a esses suffragios e ao representante do Brasil apresentou as suas condolencias.

VARIETADES

Anecdota

Um marchante foi a casa d'um camponez dos arredores creador de gado lanigero para comprar um carneiro; o camponez mostrou-lhe, entre outros, um magnifico exemplar, mas pediu tão elevado preço que o marchante recusou-se a comprar-o, pretextando que tinha ainda que pagar os direitos de en-



Os ultimos temporaes — Um aspecto do campo de Santarem

trada na cidade, o que levaria o carneiro a um preço fabuloso. — Lá por isso não tenha dúvida. Se o carneiro lhe agrada, dê-me o preço que lhe pedi, que eu me encarrego de lh'o levar á cidade, sem pagar mais nada.

— Ha-de ser difficil, retorquiu o marchante. Todavia não tenho dúvida em dar-lhe o preço que me pediu pelo carneiro posto dentro da cidade.

— Pois então vae vêr, como ainda hoje ponho o carneiro em sua casa. Metta n'este sacco o seu cão.

O marchante assim fez; metteu dentro d'um sacco o enorme cão que o acompanhava.

O camponez, agarrando no sacco ás costas, dirigiu-se para as portas da cidade.

— Que leva ahí? perguntou-lhe um guarda.

— Um cão, respondeu o camponio.

— Um cão dentro d'um sacco?! observou o guarda. Vamos lá vêr isso.

— Mas um cão também paga?

— Não paga, não, mas sempre quero vêr se é um cão.

O camponio pôz o sacco no chão com manifestações de mau humor e começou a desatal-o. O cão mal apanhou uma aberta, safou-se a correr para o sitio onde tinha ficado o dono.

O camponez, furioso, diz para o guarda:

— Vê? Por causa da sua curiosidade lá tenho eu que apanhar uma estafa atrás do cão. E ainda poderei considerar-me feliz, se o apanhar. Dizendo isto desatou a correr pelo caminho que levára o cão. Chegado a casa metteu no sacco o carneiro e voltou para a cidade. Chegado

OS ULTIMOS TEMPORAES



Em Santarem — Uma rua da Tapada

às portas voltou-se para o guarda que lhe tinha feito abrir o sacco e disse:

— Afinal sempre o agarrei. Elle cá vae. Mas olhe que sempre me deu uma estafa...

O guarda d'esta vez não quiz vêr o que ia no sacco e o carneiro passou.

As noivas e a musica

Os conselhos que damos abaixo e cuja paternidade pertence a um professor de musica muito estimado e muito apreciado pela sociedade de Berlim, merecem especialmente a leitura dos moços que projectam casar-se.

Segundo o propheta berlinez, nada revela melhor o caracter de uma

menina do que a sua preferencia por este ou por aquelle auctor e a sua maneira de interpretar ao piano as obras do auctor preferido. E' esse um criterio de certo modo infallivel, que nenhum noivo preocupado com o seu futuro, com a sua felicidade, deve deixar de consultar.

Ha uma menina que gosta especialmente de Strauss e das suas valsas vertiginosas? Veja-se no caso o inicio de uma alma frivola, amiga dos prazeres. Ha uma outra que prefere Beethoven? Essa tem o senso artistico, mas pouco pratico. D'essa outra é Liszt o auctor preferido? Traduzza-se: espirito dominado pela ambição. A preferencia por Mozart denota um certo orgulho; por Offenbach, um espirito astucioso, Gounod agrada ás almas meigas, mas demais romanticas; Gottschalk, aos espiritos superficiaes; Flotow, aos corações vulgares; Wagner, aos egoistas; Saint-Saens, ás meninas de intelligencia bem equilibrada; Massenet agrada especialmente ás pessoas timidas.

Os ganhos de Shakespeare

Shakespeare ganhava dinheiro, mas como actor, As ultimas pesquisas criticas sobre a sua vida, fazem pensar que elle não recebeu mais que 500 francos por anno da renda das suas obras, ou dos direitos de auctor. Mas, quando elle passou a interessado nos beneficios do *Globe Theater*, rapidamente enriqueceu. De sorte que o grande dramaturgo, como poeta, morria de fome, mas, como director, morreu rico.



Os ultimos temporaes — Em Santarem — Salvamento de bezerros

Agitações politicas da Bahia e seu bombardeamento

A hora actual é de agitações politicas e de bombardeamentos, talvez menos ainda bombardeamentos do que agitações politicas.

Com effeito! Nunca por tal mesquinaria como é, sem duvida, a do capricho duma reunião na camara, tanto sobresalto e tanto ruído abalaram uma cidade.

E quaes foram, afinal, as bases fundamentaes de tamanha violencia? — Vejamos:

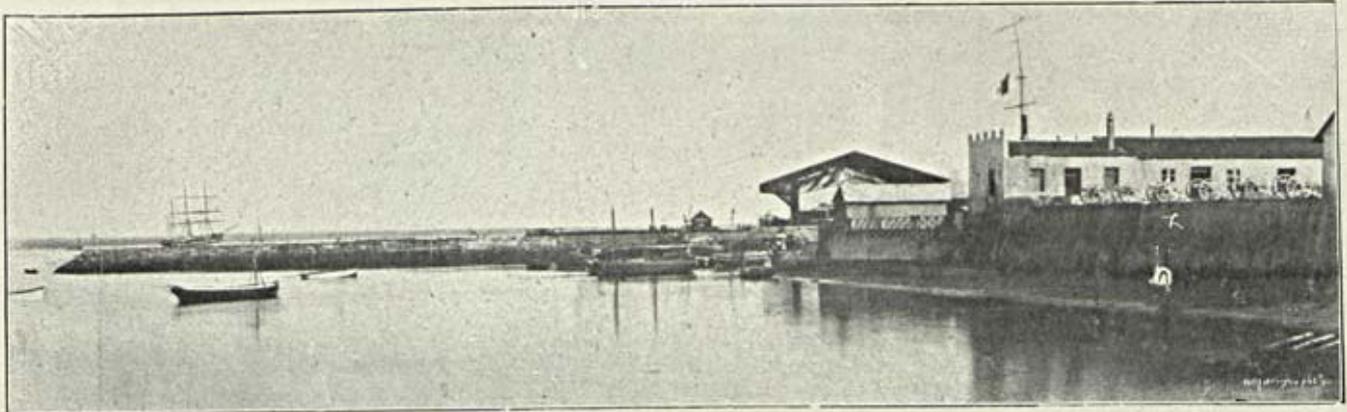
Ha três partidos que se debatiam, (e que ainda se debatem) ferrenhamente pela victoria dos seus candidatos, e que são: Marcelinista e Severinista apresentando Domingos Guimarães a governador e João Pedro dos Santos a intendente. Do outro lado, um partido unico, e portanto inferior em tudo, apresentou José Joaquim Seabra e Julio Brandão.

Ora a victoria era facil de prever e ninguem, por certo, nem talvez mesmo os proprios Seabristas, duvidaram della um instante sequer, pois sabiam-n'a dos dois partidos coligados.

Entretanto, o Seabrisimo contava como certa a intervenção federal, para lhes garantir, á viva força, uma eleição que não haviam vencido á bocca das urnas, nem legalmente podiam vencer. E eis que na apuração dos votos os — pronobis — (aqui chamam pronobis aos Seabristas) levantam um grande alarido, interrompendo os trabalhos da contagem durante dias consecutivos, porque

immensa prende a vida da cidade. E dahi a instantes, um boletim anonymo, (que depois, se veio a saber, fora feito pelo general) é distribuido aqui e ali, ligeiramente, avisando o publico attonito, da intervenção armada. Nem havia passado uma hora ainda, apoz esse aviso, quando dois tiros de canhão annunciam, cavernosamente, o inicio de um bombardeamento! De um bombardeamento, ouviram? Foi um panico indescrivivel. Porque, ora é o forte de S. Marcello que despeja os seus 58 tiros sobre o palacio, a camara municipal e o theatro S. João, (tambem transformado em quartel de policia), ora o Barbalho que visa os mesmos pontos, lá do extremo da cidade, e vomita 28 granadas, com pontaria difficil mas algo certa, e propala o incendio no palacio, em duas casas mais adiante, na rua Chile, beliscando tambem a esquina da Sé, na sua passagem destruidora e rapida. E ainda depois o forte de S. Pedro a molestar o quartel do esquadrão de cavallaria que se offercia ás balas, impassivelmente, no alto dos Barris. Três horas e meia de bombardeio consecutivo, magestoso, imponente, um espectáculo muito para vêr, mas fundamente revoltante pela hediondez dos seus motivos, pelas enormes perdas por elle causadas, e pela tremenda responsabilidade moral dos seus auctores. Na verdade, não vejo razão de, para satisfazer os caprichos mesquinhos e gananciosos de qualquer papalvo ridiculo, um rei de espadas qualquer mande submitter toda uma população desprevenida ao horrór de um tiroteio a sério, cujas balas, partindo de três pontos diferentes e longinuos, convergiam todas ellas para o centro da cidade.

Vieram depois os encontros da policia com o exercito, certamente renhidos e fataes, resultando ferimentos, mortes, e as con-



Bahia — A entrada da barra

não lhes convinha a elles que o apuramento se realisasse. Só depois de muita paciencia e de muito trabalho se conseguiu o resultado da eleição, que foi favoravel a João Pedro dos Santos. Mas não se conformaram com isso os «pronobistas» E começaram então as ameaças, phantasticas ou reaes, de que o exercito iria dar posse a Julio Brandão, no dia 1.º de Janeiro, dum cargo para que elle não fóra eleito. O dia 1.º passou, muito calmo, sem indicios sequer de hostilidades por parte do exercito. As ameaças, porém, continuaram mais insistentes e mais intensas.

Que faz o governo, neste caso? Arrebanha a maioria dos deputados, muda a séde da camara para Jequié, a 60 leguas da Bahia e declara que de certa data por deante ali funcionaria o Congresso! E enquanto o governo assim procede, a camara municipal e o palacio do governo são rapidamente transformados em quartéis de policia.

Na cidade ficaram apenas uns oito deputados, aquelles que haviam abraçado a causa de Seabra. Então, e apesar da sua grande inferioridade de numero, quizeram, elles, no dia 10 reunir-se na ex-camara da Bahia, custasse o que custasse, — e com o mesmo esforço do «custasse o que custasse» dar posse ao seu candidato Julio. O governador impediu a reunião, declarando o congresso em Jequié.

E eis que a tragedia principia, ameaçadora e lugubre. O juiz federal, (que se esquecera da toga que envergava para se transformar em politico partidario) requer um mandado de *habeas-corpus* aos deputados Seabristas. O presidente da republica concede-lh'o, ordenando todas as garantias para a reunião ilegal. Com estas ordens, o general da 7.ª divisão militar intima o governo á evacuar a camara, ou será contrangido a usar da força para esse fim. O governador recusa-se terminantemente.

A policia avisada, espera o ataque do exercito. Uma anciedade

sequentes debandadas tragicas desses homens que nem se batiam pela patria, nem ao menos por um ideal proprio e impulsionante que os arrojasse, convictos e de vontade, a defender a sua ideia até á morte. A gloriosa victoria das forças federaes era certa, todos os sabiam já. O que ninguem esperava, entretanto, é que fosse por meio de bombardeamento, a que a cidade aberta, franca, acessivel e desarmada, não podia responder.

E enquanto os canhões cumpriam a sua missão destruidora, o exercito rejubilava-se, congratulava-se nos quartéis, bem agasalhado e bem defendido, á espera de que a policia debandasse, desordenada, sob o terror das granadas e o clarão immenso dos incendios. Afinal, a policia foi desalojada dos noveis quartéis, e afinal tambem, o exercito veio a campo. Cometteram-se, então atrocidades inacreditaveis, principalmente na cidade baixa, quando uma centena de soldados do exercito se dirigiu á — «directoria de rendas» — para desalojar dali 32 praças da policia. Houve um tiroteio renhido, a defeza foi valente, mas o numero era desigual. E dos 32 bravos, alguns que sobreviveram áquella heroica e longa resistencia, vendo-se fatalmente perdidos se permanecessem no seu posto, agora inutil, procuraram salvar-se a nado, atirando-se ao mar que ficava a dois passos delles. E é então que soldados crueis, abeirando-se do caes, alvejam impiedosa, sangui-nariamente, os desgraçados que nadam anciosos em busca da vida. E logo, um a um, todos desaparecem do lume dagua, mergulhando para sempre, miseravelmente fusilados.

Tudo isto é tragico, revoltante e duma covardia sem nome,

Em todo o caso, no meio de tantas vidas sacrificadas, ha, a meu vêr, um factio mais lamentavel ainda e que por certo fere bem

mais fundo a consciencia dos que por elle são responsaveis. Refiro-me á destruição quasi total da bibliotheca publica, uma das mais ricas e a mais preciosa talvez do Brasil, cuja organização lenta e secular representava o esforço carinhoso de algumas gerações. Ninguém mais conseguirá reorganisa-la como ella era antes da sua extinção. Livros rarissimos, outros que só ali existiam, autographos dum valor extraordinario, documentos indispensaveis ao «Estado,» — tudo consumido pelo fogo inclemente. Pelo fogo? Digo mal.

Grande parte foi salva das garras do incendio pelas garras do povo, que seria melhor não ter levado a sua dedicação a tal extremo. Salvaram muitas obras, é certo. Mas até hoje, que eu saiba, apenas houve a devolução de um autographo admiravel, o que

se encolhiam tambem) á ruidosa obra de destruição, segura e sem perigo para os seus executores. E com esses meus companheiros de fuga prudente, passei por junto do forte S. Marcello, vi os projecteis dali vomitados que batiam certamente no — «Palacio do Governo,» — subindo gradualmente desde os alicerces até á cornija, numa escala regular, positivamente assombrósa.

Mas para nos atenuar a impressão amarga de tamanha barbaridade, lá iam os dois catraeiros, ambos negros e um delles philosopho, — o que dirigia o barco e que dissertava abundantemente sobre a questão, numa torrente de phrases pittorescas, mas verdadeiras. — Elle, como cidadão livre da republica da *liberdade*, tinha o direito de censurar e de lamentar tambem esse desastre immenso, essa obra malvada da *gente branca*.

Agitação politica na Bahia e seu bombardeamento



O edificio da Camara Municipal, vendo-se o relógio partido por uma bala de canhão do Forte de S. Marcello

aqui registo gostosamente, visto o desleixo dos que o deviam fazer num agradecimento vibrante e sincero e que nem sequer dão signal de vida. Era um manuscrito de versos do «Visconde de Araguaya» — *Suspiros Poeticos e Saudades* e que o sr. Manoel Rodrigues Pedreira encontrara em plena rua Chile, calcado já por patas de cavallo, e que talvez algum garoto inconsciente deitara fóra por ser «escripto á mão.» A bibliotheca de Berlim, consultada por um agente aqui, (sem sermão encomendado, havendo-o sabido casualmente) offerecera logo a bagatella de — «mil libras». — E o sr. Manoel Pedreira, rejeitando tão avultada offerta, devolveu, sem hesitação, o manuscrito valiosissimo. Talvez não louvem nem agradeçam o seu gesto enorme e generoso... que elle actualmen- te, creio que até nem vale a pena tér-se consciencia!

Mas... adeante:

Eu assisti do mar, todo encolhido num bote, (com outros que

Uma coisa, porém o consolava prodigiosamente.

E é que elle bem sabia que os prejuizos todos recahiam sobre as suas algibeiras, a pouco e pouco, no augmento dos impostos. Que o Brazil, tinha destas encomendas: Navios grandes, navios fortes, canhões enormes, para que? Para bombardearem a propria nação a que pertencem, ou então esmurrarem-se uns aos outros.

E o custo dos navios, prejuizos que os navios causam, canhões que armam os navios, balas que os canhões atiram e polvora que impulsiona as balas, tudo elles pagavam sem resmungar, sequer, nos impostos que subiam dia a dia.

Outra coisa que o fazia scismar, era esta historia de eleições. Fóra eleito Pedro dos Santos. Mas de que valera isso? Quem ia era o outro, — o Julio. Escusavam de ter esse trabalho, completamente inutil. O presidente mesmo escolhia o «seu homem», sem eleição nem nada, e estava tudo acabado. De repente, estacando:

— Lá vae outra. — Era outra bala que partia, zunindo, e que esfuracava mais a parede do palacio. E o negro lustroso, aninhado na pópa do barco, empunhando a canna do leme, teve um gesto

tentado ás leis da consciencia e da civilisação! Emfim, o facto é consumado, irreparavel, portanto.

Eu por mim, é que jámais poderei esquecer a dolorosissima

O Vaticano



Galeria das estatuas no Museu do Vaticano

immenso de desdém, um sorriso de ironia immensa e esta phrase flagrante, mixto de desprezo e de horrór: — «Compadre! Isto até parece obra nossa!» Obra nossa, entenderam?

Como se só elles, os pretos, fossem capazes de semelhante at-

impressão que senti quando, pelas onze horas dessa mesma noite, fui cautelosamente, curiosamente, visitar o theatro historico da fachanha augusta. E logo na rua Chile o incendio se me apresentou, intenso e alto, como *tropheu luminoso de tanta galhardia*. As

chamas punham em redór uma nota rubra e quente, um clarão sanguinolento como uma apothese sarcástica, infernal, á grandiosa heroicidade dos guerreiros formidaveis. E vinham até mim, como renovação de uma fusilaria cerrada, os estalidos seccos da madeira que ardia, de vidros que se partiam, de pedras que se chocavam nos desmoronamentos. E a lingua da fogueira levantada para o ceu, como a tentar lambar aquella concha azul, tão cheia de fagulhas brancas. A cidade velava, num silencio de espanto, sem querer acreditar no que vira, esfregando os olhos attonitos, como na fugitiva esperança de que fosse illusão ou sonho tão vergonhosa catastrophe. A noite, contemplando as lavaredas enormes que a atravessavam brutalmente, mostrava um ar de indignação e de revolta e parecia murmurar, com voz cava, não sei que estranhas prophcias. Apenas, de quando em quando, surgia um ou outro transeunte espavorido.

E eu, no meio daquella solidão lamentosa, só encontrei, para me consolar a mim mesmo, estas palavras murchas de eterno crente: «Louvado seja Deus.» E voltei, pensativo, acabrunhado, á minha cabana.

Logo pela manhã do dia seguinte, fui ver também os destroços

Já o outro, o juiz, se mostrava impaciente, insistindo:

— Mas diga, homem, duma só vez e sem rodeios, o que é que não entende?!

E o velho, convicto de que o juiz não entendia também, re-darguiu logo:

— Eu lhe digo, sr. juiz: As donzellas, não os teem; as viuvas, não os fazem; as casadas, só os dellas, — e as casas de orphandade estão cheias!!! «Eu não entendo», sr. juiz.

— Pois claro! diz o homem da justiça vivamente. Pois claro, isso também eu não entendo.

E desatou a rir, esse bom juiz que também não entendia.

O caso do bombardeamento da cidade é identico. O presidente da republica não mandou *bombardear*; o ministro da guerra, também não; o general Sotero diz ter documentos da sua innocencia, e as casas particulares foram incendiadas e o palacio do governo também. O que eu não entendo é como estas coisas apparecem feitas, sem que ninguem seja responsavel por ellas, e sem que ninguem as faça.

Bahia, 11-1-912.

J. A.

Uma festa no Conservatorio



Os interpretes da opera comica «Menina Rosa»

(Phot. de A. C. Lima)

da directoria de rendas. E por meu mal ainda ali jazia um soldado, todo encolhido, num esgarre tremendo, de se haver estorcido em dóres horrorosas até á morte!

Mas quem é, no fim de contas, o responsavel por tudo isto? Não se sabe ao certo. E a proposito: Vocencias conhecem, ao menos de tradicção, aquelle velho philosopho e pachorrento que atravessava Lisboa continuamente, parando onde havia um grupo qualquer, e murmurando logo, enigmatico e pausado, para que todos os do grupo o ouvissem: — «Eu não entendo.» — E assim, durante mezes consecutivos, com esta phrase simples e um ar pensativo.

Ora duma feita, depois do pobre velho já ter sido apontado em toda a parte e por toda a gente como um maniaco incorrigivel, um juiz, ou quer que era, interrogou-o asperamente:

— O que é que você quer dizer, seu velho idiota, com esse «Eu não entendo»?

E o velho logo, placidamente:

— Porque «eu não entendo», sr. juiz!

ROMPIMENTO

Mandas-me as prendas que te dei, outr'ora;
Ahi vão aquellas que me déste um dia...
Seja! acabe-se tudo... e que a alegria
Doire essa gentil cabecinha loura.

Ahi vae o lenço onde, orvalhada aurora,
Choraste uma manhã, quando eu partia,
E a mecha de cabellos, luzidia,
Dada em risonha, inolvidavel hora.

Ahi vão as rosas, onde a tua bocca
Poisaste, affavel, antes que m'as desses,
Certo dia, em que eterno amor jurámos...

Nada mais tenho teu; é finda a troca,
Se o desejo não tens (ah! se o tivesses...)
De destruir os beijos que trocámos...

EUGENIO DE CASTRO.

FABULA

O philosopho e o mocho

Um philosopho escapou
 Outr'ora d'uma cidade
 Ao povo, que o acossou
 A' pedrada,
 Depois da escola queimada,
 Onde ensinava a verdade,
 E n'um bosque se escondeu.

Ali deu
 Com pobre mocho
 Velho, chocho
 E perseguido
 Por um bando desabrido
 De insolente passarada,
 Que em torno d'elle fazia
 Uma infernal ingrezia,
 Não lhe poupando bicada.

THEATROS

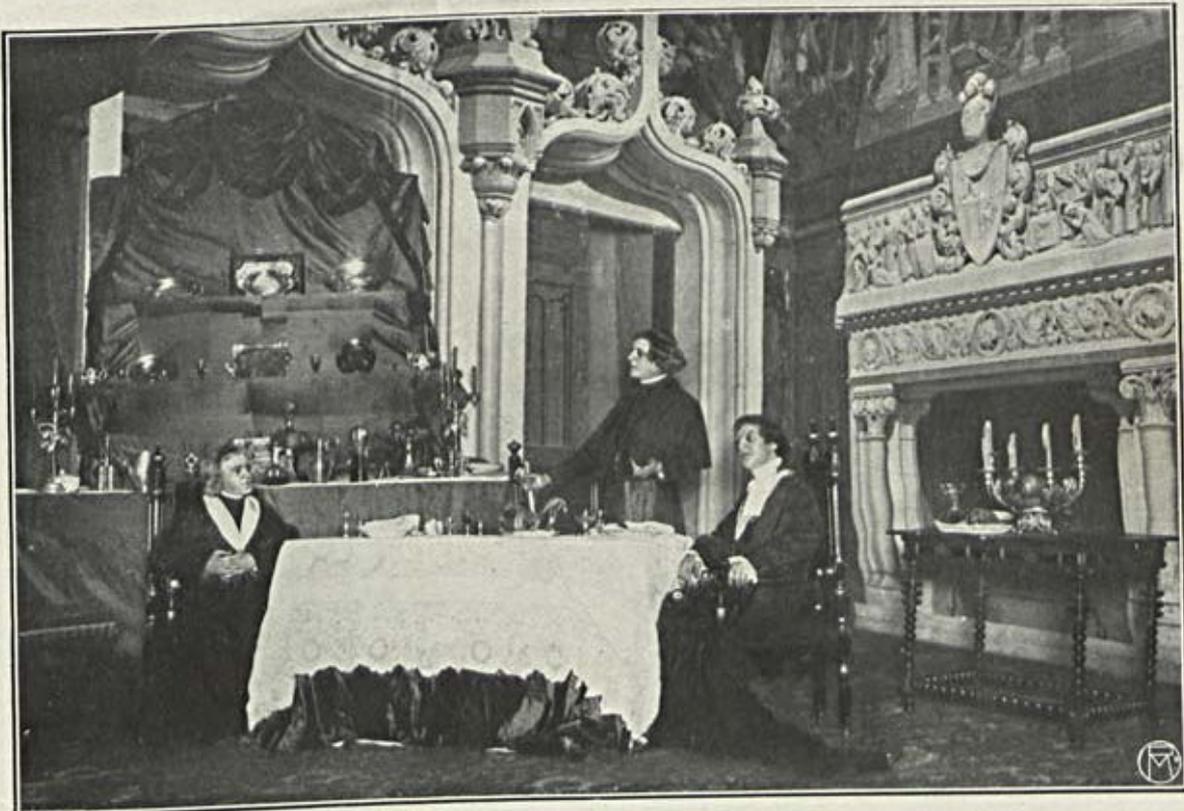
Republica.— *O Botequim do Felisberto*, comedia em 3 actos, de Tristan Bernard, traducção de Accacio de Paiva.— *Amor ao Pello*, comedia em 1 acto, de Georges Courtelline, traducção de João Phoca.— *Ao de leve*, revista em 1 acto, 1 prologo e 3 quadros, de Polito Gino.— **Trindade.**— *O Rei das Montanhas*, operetta em 3 actos de Franz Lehar.— **Gymnasto.**— *Ao Correr da Fita*, revista em 1 acto, 1 prologo e 3 quadros, de Alberto Barbosa e Leandro Navarro, musica dos maestros Filgueiras e Quesada.— **Apollo.**— *Pão com Manteiga*, revista em 1 acto e 5 quadros, de João Bastos, musica de Filippe Duarte.— **Avenida.**— *Dancarina Descaixa*, operetta em 3 actos, arreglo de E. Vitale, traducção de Accacio Antunes, musica de F. Albani.

Dois auctores comicos, dos mais cotados em França, foram agora representados no nosso theatro da **Republica**, e, dado o *alamiré*, depressa o publico affeito a theatro sympathisará com os nomes de Tristan Bernard e Courtelline, auctores do *Botequim do Felisberto* e do *Amor ao pello*. Algumas das suas obras são-nos familiares. Conheçemos do primeiro a *Triplepatte*, representada ha annos no **Nacional L'Anglais tel qu'on le parle**, que os nossos artistas e amadores têm interpretado dezenas de vezes, sempre com agrado; e o publico mais lido, decerto terá passado pela vista, uma vez ao menos, n'um sorriso, *Le Seul bandit du village*, *L'Affaire Mathieu*, que é talvez a peça mais engenhosa de Bernard e, se ainda não leu, aconselhamos-lhe *Les Jumeaux de Brighton*, e creia não se arrependerá.

Courtelline, comquanto não possua em tão elevado grau as qualidades de comediographo que caracterisam Tristan Bernard, é um observador profundo, cheio de espirito, traçando typos por uma fórma

THEATROS

THEATRO NACIONAL — A festa dos autores dramaticos



A Ceia dos Cardeas

(Phot. de A. C. Lima)

Depois de os ter enxotado,
 Ao mesquinho perguntou
 Porque era assim conspurcado?
 — «Porque sou
 Capaz de vêr
 Durante a noite fechada,
 Quando elles não vêem nada».

— «Sim por isso é que ha-de ser»
 O sabio diz: «mocho amigo!
 O mesmo se deu commigo.

HENRIQUE O'NEILL.
 (Visconde de Santa Monica.)

inconfundivel, a um tempo comicos e dignos de dó, de uma ironia sem igual. Mas vamos ás peças.

Le Petit Café, que Accacio de Paiva nos traduziu por uma fórma impecavel com o titulo de *Botequim do Felisberto*, conta em Paris cerca de 1.500 representações e exhibe-se actualmente em quasi toda a Europa. Julgarão os que nos lêem que é de grande originalidade para um tal exito e afinal enganam-se. O assumpto, isto é, o motivo, embora pouco commum, é tratapo por uma fórma vulgar, consistindo todo o valor da peça no bom equilibrio das situações, que, embora nos sejam familiares, se mantem sempre de acto para acto, scena para scena, n'uma gradação crescente, de modo a prender a attenção e a interessar. E senão veja-se: — *Felisberto*, o dono de um modestissimo café em Paris, tem ao seu serviço um creado, que dá pelo nome de *Alberto*, o qual, tendo sido educado em casa de um aristocrata, este, ao morrer, o contempla com o melhor de oitocentos mil francos. Um tal *Bigredon*, typo de intrujão, procurando viver sempre á custa alheia, sabendo a boa nova ainda antes de *Alberto*, informa do caso *Felisberto* e propõe-lhe que faça immediatamente um contracto com o

creado por vinte annos, com o ordenado annual de cinco mil francos, com a condição, porém, de no caso de rescisão, uma das partes ter de pagar á outra uma indemnisação de duzentos mil francos.

dar indemnisação ao patrão e prefere continuar a servil-o, passando as noites em libações com amantes, e ahi começa toda a movimentação da cordelinhos conhecida: — a umas tendo de se mostrar como creado

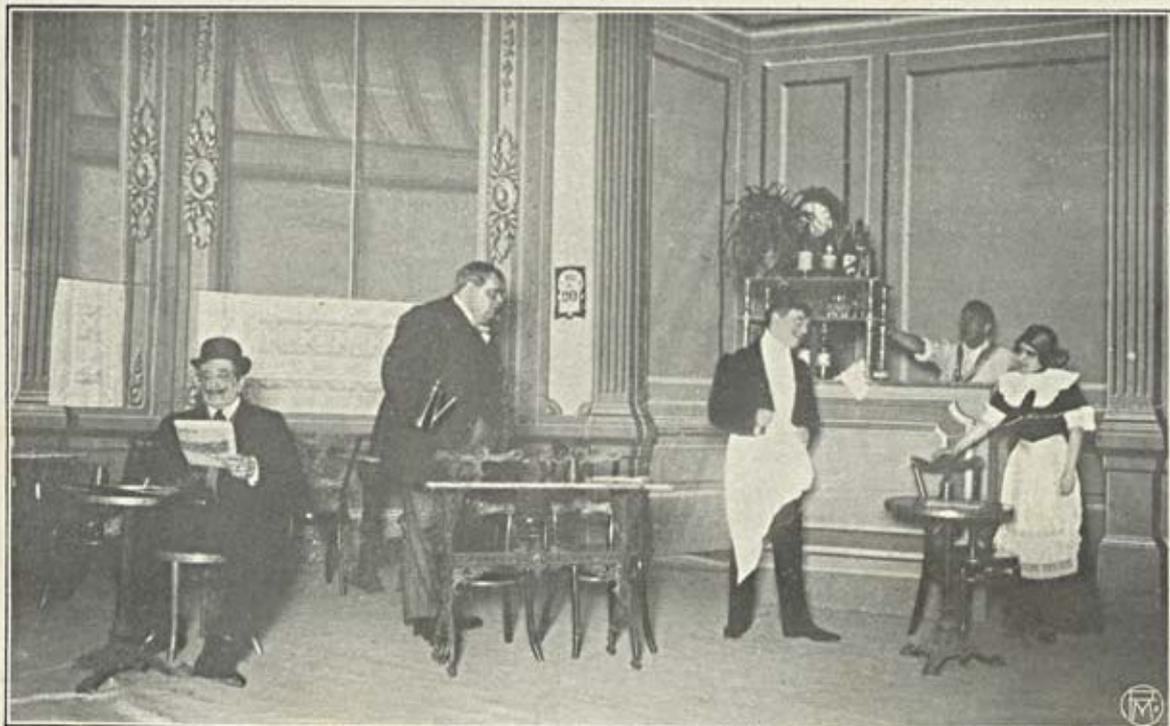
THEATRO DA REPUBLICA — O Botequim de Felisberto



2.º acto

O plano é engenhoso. *Alberto*, ao ver-se senhor de oitocentos mil francos, não hesitará — perderá o amor a duzentos mil, pois não quererá, decerto, continuar a ser vinte annos creado de café. *Felisberto*, depois de algumas considerações, adhire á roubalheira, e apro-

de café, a outras como um verdadeiro parisiense, gastador e estroina, a sombra negra do patrão e do *Bigredon*, que não se cança de lhe amargar a existencia á custa das bellas ceias pagas pelo *Felisberto*, a atormental-o a cada momento, e por ahi fóra vae uma serie de sce-



O Botequim de Felisberto — 3.º acto

(Phot. de A. C. Lima)

veitando uma bebedeira do creado faz-lhe a proposta, que este, radiante, acceita. — Eis a parte verdadeiramente original da peça. — *Alberto*, porém, uma vez senhor da fortuna, nega-se terminantemente a

nas, traçadas todas ellas com felicidade, mas sem nada de novo, sendo, unicamente, para louvar a fertilidade, até que *Alberto*, como unico recurso, renuncia a todas as amantes e casa com a filha do patrão,

Yvonne, que até ahí o tratára sempre com uma superioridade humilhante.

No desempenho ha que dar o logar de honra a Henrique Alves, que no *Alberto* tem um dos seus melhores trabalhos. Depois temos Chaby no *Felisberto* e Carlos d'Oliveira no *Bigredon*, que compôz

A tradução é regular, e, emquanto a desempenho, Chaby e Jesuina fizeram o que puderam, e muito foi em tão pouco espaço de tempo.

— *Ao de leve*, que appareceu no cartaz do *Republica*, sem o nome dos auctores, todos abrangidos pelo pseudonymo de Polito

THEATRO DO GYMNASIO — Os direitos do homem



Artistas masculinos em «travesti»

com verdadeiro talento, sendo muito regular o restante do desempenho, confiado a Jesuina Saraiva, Angela Pinto, Emilia Sarmiento, Luz Velloso, Pimentel, Sarmiento, Pinto Costa e Theodoro dos Santos, que fez a sua estreia n'este theatro.

Gino, é uma pequena revista sem pretensões, preparada, ao que parece, com o fim expresso de fazer sobresahir o valor de Chaby, impagavel no *Sr. Polito Gino*, de Adelina, Aura Abranches, Angela Pinto, Alves e Alexandre d'Azevedo.

THEATRO DAS VARIEDADES — Ponha-lhe papas



Scena final

(Phot. de A. G. Lima)

— *O Amor ao pello*, traducção de João Phoca de *La Peur des Coups*, é uma pequenina comedia em que marido e mulher, n'uma scena de ciúmes, de volta de um baile, se dizem as ultimas, e em que *Elle* se mostra um poltrão e *Ella* uma heroína... a bom entender...

O prologo, o dialogo entre Chaby e Pimentel ao abrir a revista, o quadro *A Industria Nacional*, e uma ou outra scena desopilante, este ou aquelle dito mais feliz, se não bastam para constituir uma obra prima, são valores muito apreciaveis n'uma obra theatral.

Tem bonitos trechos a musica, é feliz a idéa da *mayonnaise* mu-

THEATRO DE S. CARLOS

sical, e tanto do scenario como do guarda-roupa, não ha senão elogios a fazer.

— Uma revista se representou este anno, durante o Carnaval, no **Gymnasio**, e que é obra dos srs. Leandro Navarro e Alberto Barbosa. Tem incontestavelmente condições de agrado, fêre a nota politica e um pouco a pornographia, e isso é muito para certo publico. A musica, excellente. Scenario bom e guarda-roupa vistoso. Desempenho: no primeiro plano: Laura Hirsch e Maria Augusta, do elemento feminino; Albuquerque, Telmo e Cardoso, do masculino, e os restantes salvaram-se.

— Não nos dava há muito a **Trinda-de** uma peça nova, pois vinha fazendo fogo com o antigo repertorio, que, dada a excelente escolha e boa interpretação, tem sido sempre bem acolhido por parte do publico.

O Rei das Montanhas, embora de enredo quasi infantil, é sem duvida uma bella operetta, pois que a musica é de uma grande inspiração e em excesso maviosa. O segundo acto, principalmente, é de um effeito extraordinario e das difficuldades da execução salvaram-se bem todas as figuras, e eram ellas Palmyra Bastos, Medina de Sousa, Leitão, Ferrari, Amelia Barros e Gomes, que nos apresentou um excelente trabalho, vindo optimamente caracterizado. E' peça, sem duvida, para demora no cartaz. Os nossos parabens a Taveira pela aquisição.

— Uma outra revista viu a luz da ribalta no **Apollo** — *Pão com manteiga*. O titulo é extravagante e o auctor, João Bastos, viu-se em calças pardas para o justificar, pela revista adiante. E' um genero novo, que não provoca, como n'outros trabalhos seus, a franca hilaridade. Enveredou pela satyra encontrando aqui e ali, achados felizes, de que tiraram os melhores effeitos possiveis, os artistas do Apollo.

Tivemos n'este theatro, no Carnaval, as **Intrigas no Bairro**, em que desempenhou o seu antigo papel de *sapateiro* o actor Queiroz, que foi muito ovacionado, bem como todos os demais interpretes.

Para breve, reprise do **Fado**, de Bento Faria e João Bastos. E' pôsto em scena com todo o rigor.

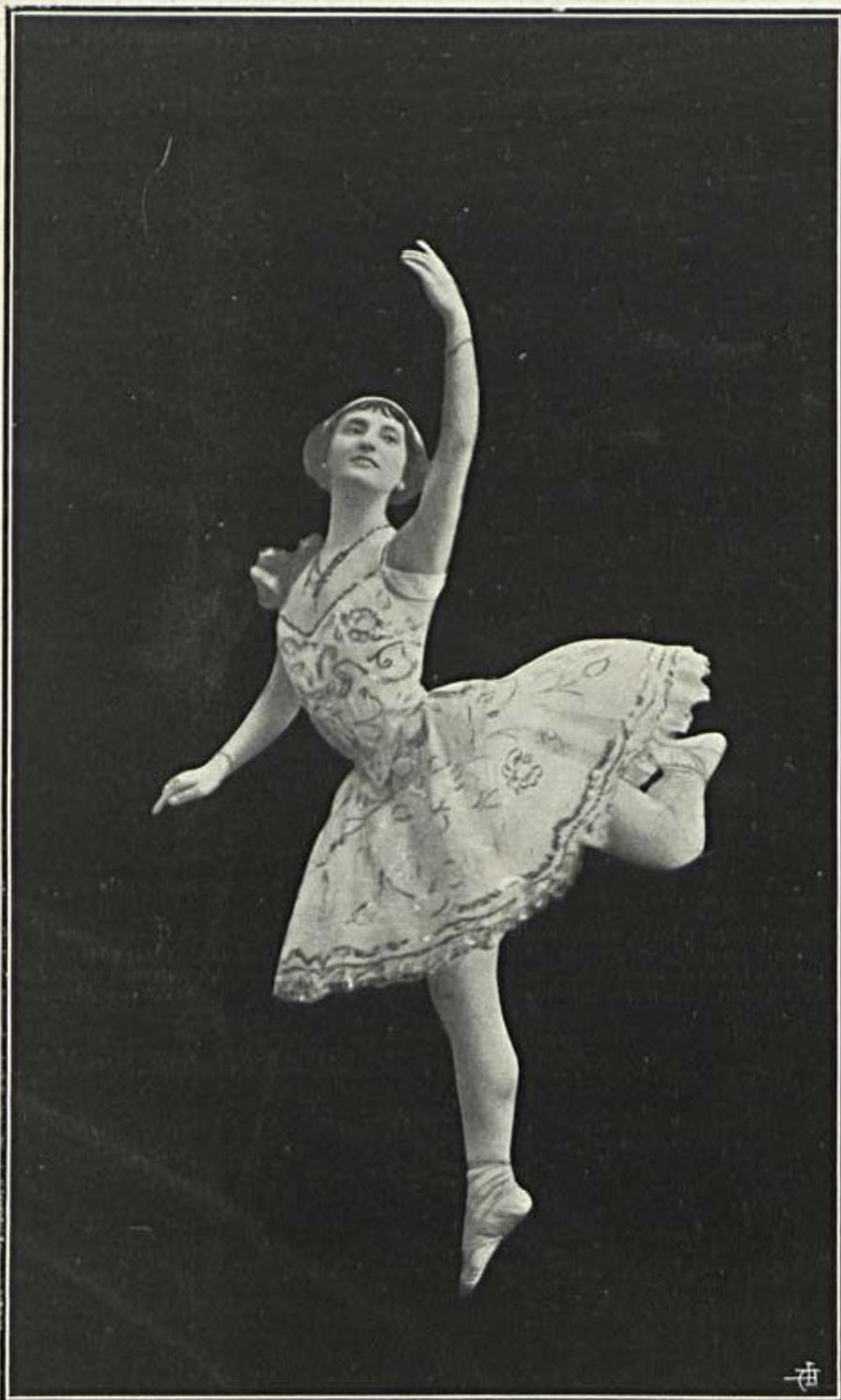
— No **Avenida** tivemos agora mais uma operetta allemã — *A dançarina descalça* — interessante como todas as suas congeneres; boa musica, bailados, movimentação, tudo isto excellentemente encenado por José Ricardo, que tambem entra na peça, bem como Cremilda d'Oliveira, Izabel Fragoso, Almeida Cruz, Armando de Vasconcellos e Pinto Ramos.

E foi uma quinzena em cheio.

Ruv.

Animatographos

Eis as ultimas novidades apresentadas nos principaes animatographos de Lisboa:— **Chiado Terrasse**, continua exhibindo a fita *Os crimes da lei*, drama popular de grande intensidade— **Salão Central**, *A rosa vermelha*, expressamente feita para esta empresa, constituindo só por si um espectáculo, pois tem 2:000 metros e está dividida em duas partes.— **Olympia**, continua a concorrência, tendo sido muito apreciadas a *Bohème*, 800 metros e *Mentiras da vida*, 1:000 metros, havendo todas as quintas-feiras *matinées-rose*, em que se realisam sempre deslumbrantes estreias.— **Salão da Trinda-de**, oito estreias, constituindo verdadeiros successos as fitas *Morfinista*, de grande originalidade, e que se divide em tres partes, intituladas: *Amor do banqueiro*, *A verdade* e *A desgraça*.— **Salão Foz**, um enorme exito com o colossal sortido de fitas, sendo os espectaculos variadissimos, tendo tambem agradado a genial artista Blanca Azucena, nos seus *couplets* e bailados.— **Chantecler**, todas as noites novas fitas faladas e de um effeito comico, irresistivel.— No **Phantastico e Rocio Palace** os espectaculos são tambem concorridissimos, mercê da sua excelente organização.



Giuseppina Horn — 1.ª bailarina

O gesto, a attitudo, a mimica, tendem a readquirir a alta categoria artistica, que na Grecia lhes foi marcada. Se não voltámos ainda aos claros tempos da Hellada, já vão longe os dias de subjectivismo romantico em que a belleza plastica era considerada como subalterna e enganadora...

E bom é que assim seja. Um lindo corpo de mulher, esbelto e gracil, flexuoso e moço, constitue — graças a Deus, senhor do mundo e dos corações! — o mais attrahente chamariz para os olhos dos que se não destinem a entrar no «Flos Santorum» encostados a um bordão d'assucenas floridas... E, se á belleza natural, a mulher junta a aureola com que a Arte alumia os seus eleitos, então é necessario ao homem, para se não sentir abalado, que tenha a chocalhar-lhe no peito um coração mais duro que a argamassa das pontes romanas...

Giuseppina Horn, primeira bailarina de S. Carlos, não é apenas a mocidade radiosa e a formosara triumphal que fazem estacar quem passa quando atravessa o Chiado no seu passo elastico de Diana. E', nos galantes dominios da Arte que professa, uma dominadora com longo cortejo d'exitos. Quando dança, dir-se-hia que o barro d'uma tanagra se fez alma e carne para nos embalar no ritmo coleante dos seus movimentos, tão impressionantes, tão musicaes, que a musica persistiria n'elles mesmo que a orchestra parasse...